

A ECONOMIA DO BEM E DO MAL

TÍTULO ORIGINAL:

Economics of Good and Evil

Copyright © Tomáš Sedláček, 2012

Originalmente publicado em checo como *Ekonomie dobra a azla*, 2012
por Nakladatelství 65. Pole.

AUTOR

Tomáš Sedláček

Direitos reservados para todos os países de língua portuguesa por

CONJUNTURA ACTUAL EDITORA

Sede: Rua Fernandes Tomás, 76-80, 3000-167 Coimbra

Delegação: Avenida Engenheiro Arantes e Oliveira, 11 – 3º C – 1900-221 Lisboa –
Portugal

www.actualeditora.pt

TRADUÇÃO

Luís Filipe Silva

REVISÃO

Inês Guerreiro

DESIGN DE CAPA

FBA

PAGINAÇÃO

Rosa Baptista

IMPRESSÃO E ACABAMENTO:

???????

Junho, 2018

DEPÓSITO LEGAL

??????

Toda a reprodução desta obra, por fotocópia ou qualquer outro processo, sem
prévia autorização escrita do Editor, é ilícita e passível de procedimento judicial
contra o infrator.

Biblioteca Nacional de Portugal – Catalogação na Publicação

SEDLACEK, Tomás

A economia do bem e do mal: em busca do sentido da economia,
desde Gilgamesh a Wall Street. – (Fora de coleção)

ISBN 978-989-694-238-0

CDU 33

A ECONOMIA DO BEM E DO MAL

**EM BUSCA DO SENTIDO DA ECONOMIA,
DE GILGAMESH A WALL STREET**

Tomáš Sedláček



Para Chris, o meu jovem filho, que (estou convencido) já compreende mais do que serei capaz – talvez, há muito tempo, também eu tenha compreendido. Que escrevas, um dia, um livro superior a este.

*Conhece-te, e escrutar a Deus não ouses;
Dos Homens só é próprio o estudo do Homem.
Posto neste istmo de grandeza média,
Ente de obscuro engenho e forma tosca:
Sábio assaz para dar-se ao ceticismo,
Fraco para seguir o Estoico orgulho;
Se obrar deve, ou não deve duvidoso;
Se como um deus julgar-se, ou como um bruto;
Qual há de preferir se a mente ou corpo;
Nasce para morrer, para errar pensa;
É na ignorância tal qual na ciência
Quer ele saiba muito ou pouco;
De Razão, e Paixão confuso caos;
A si mesmo se engana, ou desengana;
Para elevar-se, e decair formado;
Senhor de tudo, e sempre dependente;
De verdade, juiz, e do erro escravo;
Do mundo glória, zombaria, enigma!*

Alexander Pope, *Ensaio sobre o Homem**

* Segundo tradução de Francisco Bento Maria Targini, Barão de São Lourenço, Londres: Oficina Tipográfica de C. Whittingham, 1819, 205–207. [N. do T.]

ÍNDICE

| | |
|---|-----|
| PREFÁCIO DE VÁCLAV HAVEL | 13 |
| AGRADECIMENTOS..... | 15 |
| | |
| INTRODUÇÃO: A HISTÓRIA DA ECONOMIA: DA POESIA À CIÊNCIA | 17 |
| | |
| PARTE I: A ECONOMIA NA ANTIGUIDADE E MUITO ANTES..... | 33 |
| 1. O Épico de Gilgamesh: sobre a eficácia, a imortalidade e a economia da amizade..... | 35 |
| 2. O Antigo Testamento: a mundanidade e a bondade | 61 |
| 3. Grécia Antiga | 111 |
| 4. Cristandade: a espiritualidade no mundo material..... | 151 |
| 5. Descartes, o mecânico | 189 |
| 6. A colmeia do vício de Bernard Mandeville | 201 |
| 7. Adam Smith, ferreiro da economia | 211 |
| | |
| PARTE II: PENSAMENTOS BLASFEMOS | 231 |
| 8. A vez da avidez: a história do querer | 235 |
| 9. Progresso, o novo Adão e a economia do Sabat..... | 251 |
| 10. O eixo do bem e do mal e as bíblias da economia | 273 |
| 11. A história da mão invisível do mercado e do <i>Homo economicus</i> | 283 |
| 12. A história dos espíritos animais: o sonho nunca dorme | 299 |
| 13. Metamatemática..... | 311 |
| 14. Donos da verdade: ciência, mitos e fé..... | 325 |

| | |
|--|-----|
| CONCLUSÃO: ONDE MORAM OS SERES SELVAGENS | 351 |
| NOTAS..... | 359 |
| BIBLIOGRAFIA..... | 421 |

PREFÁCIO

Tive a oportunidade de ler o livro de Tomáš Sedláček antes de ser publicado na República Checa em 2009, com o mesmo título, e era óbvio que se tratava de uma abordagem pouco convencional sobre uma disciplina científica que – de acordo com o consenso geral – é excepcionalmente entediante. Obviamente que o livro me arrebatou, e fiquei com curiosidade de perceber que nível de interesse despertaria nos leitores. Terá gerado tanta atenção na República Checa, para espanto quer do autor quer do editor, que, ao fim de poucas semanas, se tornara *best-seller* e tema de debate entre especialistas e o público em geral. Por coincidência, Tomáš Sedláček integrava, na época, o Conselho Económico Nacional do governo checo, e a sua postura e visão de longo prazo contrastava fortemente com o ambiente político turbulento, pouco habituado a pensar além das eleições seguintes.

Ao invés de nos servir respostas presunçosas e egocêntricas, o autor coloca com humildade uma série de questões fundamentais: o que é a ciência económica? O que significa? De onde vem esta nova religião, como por vezes é chamada? Quais as suas potencialidades e limitações e fronteiras, se as houver? Porque dependemos tanto do constante aumento do crescimento e do crescimento do aumento do crescimento? De onde vem a ideia do progresso, e para onde nos conduz? Porque existe tanta obsessão e fanatismo nos debates económicos? Questões que ocorrerão a qualquer pessoa ponderada, mas cujas respostas raramente são dadas pelos economistas.

Grande parte dos nossos partidos políticos age com um enfoque materialista muito estreito, apresentando programas que colocam as áreas

económica e financeira no topo; só no fundo da lista deparamos com outras áreas, como a cultura, enfiadas talvez à pressa ou para acalmar alguns loucos. Estejam à direita ou esquerda do espectro ideológico, a maioria dos partidos – consciente ou inconscientemente – aceita e dissemina a tese marxista da base económica e da superestrutura espiritual.

Talvez se deva ao facto de se confundir habitualmente a economia, enquanto disciplina científica, com a mera contabilidade. No entanto, de que nos serve a contabilidade, quando muito do que molda as nossas vidas é difícil, ou mesmo impossível, de representar aritmeticamente? Pergunto-me o que faria um economista-contabilista, se tivesse por missão otimizar o trabalho de uma orquestra filarmónica. Talvez eliminasse todas as pausas existentes nos concertos de Beethoven. Afinal, não servem para nada. Apenas atrasam o concerto, e os membros da orquestra, se não tocam, não devem ser pagos.

As questões do autor desmontam estereótipos. Tenta libertar-se dos constrangimentos da especialização e transpor as fronteiras das disciplinas científicas, numa expedição além dos limites da economia e da sua ligação com história, filosofia, psicologia e mitos antigos – que são não apenas uma lufada de ar fresco, mas necessárias para compreender o mundo do século XXI. Ao mesmo tempo, trata-se de um livro perfeitamente legível e acessível ao leigo, fazendo da ciência económica uma forma de aventura. Nem sempre encontramos a resposta exata à eterna questão da sua finalidade, mas, sim, outros motivos para observar com maior profundidade o mundo e o papel do homem.

Durante o meu cargo presidencial, Tomáš Sedláček pertenceu à geração de jovem colegas que prometiam uma nova perspectiva sobre os problemas do mundo contemporâneo, sem o fardo das quatro décadas do regime comunista totalitário. Pressinto que as minhas expectativas se cumpriram e acredito que o leitor também apreciará o livro.

Václav Havel

AGRADECIMENTOS

Na edição checa do presente livro, incluí uma brevíssima nota de agradecimento. Não foi uma boa ideia, pelo que, desta vez, serei mais verborreico. O livro demorou vários anos a nascer, após inúmeras conversas, centenas de palestras e muitas obras lidas noite adentro.

Devo esta obra aos meus dois grandes mestres, o professor Milan Sojka (que me orientou neste trabalho) e H. E. Milan «Mike» Miskovsky (que me deu a inspiração para este tópico, há muitos anos). Dedico-a à memória de ambos, pois já não se encontram entre nós.

Devo agradecer ao meu grande mestre Lubomír Mlčoch, com quem tive a honra de trabalhar, como professor assistente, nas suas aulas de Ética Comercial. Agradeço imensamente ao professor Karel Kouba, ao professor Michal Mejstřík e ao professor Milan Žák pelas suas orientações. Agradeço à minha turma de Filosofia Económica de 2010, pelos comentários e opiniões.

Gostaria de agradecer à professora Catherine Langlois e a Stanley Noller, da Universidade de Georgetown, por me terem ensinado a escrever, e também ao professor Howard Husock, da Universidade de Harvard. Gostaria de exprimir a minha imensa gratidão à Universidade de Yale, por me ter oferecido uma bolsa muito generosa, durante a qual concebi parte substancial do livro. Obrigado, Yale World Fellows, e à malta da Betts House.

Um grande agradecimento ao fabuloso Jerry Root, por nos ceder a sua cave durante um mês inteiro para trabalharmos no livro sem barulhos, e pelo cachimbo e tabaco; a David Sween, por ter concretizado o

projeto; e a James Halteman, pelos livros. Obrigado, Dušan Drabina, pelo apoio nos tempos mais difíceis.

Tenho a honra de agradecer a muitos filósofos, economistas e pensadores: professor Jan Švejnar, professor Tomáš Halík, professor Jan Sokol, professor Erazim Kohák, professor Milan Machovec, professor Zdeněk Neubauer, David Bartoň, Mirek Zámečník e ao meu irmão mais novo, o grande pensador Lukáš. Aceitem a minha gratidão e admiração. Jamais conseguirei agradecer o suficiente ao resto da família, em particular ao meu pai e à minha mãe.

O meu maior agradecimento pela ajuda específica neste livro destina-se à equipa que cooperou nas versões checa e inglesa. Tomáš Brandejs, pelas ideias, fé e coragem; Jiří Nádoba, pela edição e supervisão; Betka Sočůvková, pela paciência e resistência; Milan Starý, pelos desenhos, criatividade e gentileza; Doug Arellanes, pela tradução exaustiva; e Jeffrey Osterroth, pela revisão detalhada do inglês.

Duas grandes mentes ajudaram-me a escrever e editar partes do livro: Martin Pospíšil e Lukáš Tóth, meus colegas intelectuais. Agradeço-lhes imenso pelas ideias brilhantes, pelos debates acesos e pela investigação, bem como pelo trabalho árduo em determinados capítulos, dos quais foram coautores. Também gostaria de agradecer aos meus colegas na ČSOB, a.s., pelo ambiente de trabalho criativo e pelo apoio.

A minha esposa, Markéta, deu-me apoio quando mais ninguém o faria. Obrigado pelos seus sorrisos e ideias (é socióloga, pelo que devem imaginar as nossas discussões ao jantar). Este livro pertence-lhe realmente.

Mas o meu grande agradecimento vai para aquele cujo nome nem sequer conheço...

INTRODUÇÃO

A HISTÓRIA DA ECONOMIA: DA POESIA À CIÊNCIA

O tecido da realidade não é material, mas feito de histórias.
Zdeněk Neubauer

*Não existe ideia, por mais antiga e absurda, que não melhore
o nosso conhecimento [...]
Vale tudo [...]*
Paul Feyerabend

O homem sempre procurou compreender o mundo em seu redor. Nesta senda, foi ajudado por histórias que tentavam explicar a realidade, e que a nossa perspectiva moderna conota como pitorescas – tal como as gerações vindouras conotarão as nossas. E, no entanto, é profundo o poder secreto destas histórias.

Uma delas refere-se à história da economia como disciplina do saber, que teve início há muito tempo. Xenofonte escreveu por volta de 400 a.C. que, «mesmo que um homem não tenha posses, existe um saber que é a ciência da economia»¹. Em tempos idos, a economia era a ciência de gestão doméstica², posteriormente tornou-se subconjunto das disciplinas religiosas, teológicas, éticas e filosóficas. Aos poucos, acabou por adotar uma forma muito própria. Talvez sintamos, por vezes, que

a economia perdeu os tons e cambiantes que lhe eram próprios, neste mundo tecnocrático em que reinam o preto e o branco. Mas a história da economia está cheia de cores.

A economia, tal como hoje a conhecemos, é um fenómeno cultural, produto da nossa civilização. *Produto*, não no sentido intencional de *produzido* ou inventado, como um motor a jato ou um relógio. A diferença jaz no facto de compreendermos o funcionamento do jato e do relógio – sabemos o que lhes deu origem. Sabemos (mais ou menos) desmontar as suas peças individuais e voltar a montá-las. Sabemos ligá-los e desligá-los³. Não é o caso com a economia. A sua origem foi amplamente inconsciente, espontânea, descontrolada, não planeada, e sem obedecer à batuta do maestro. Antes de se emancipar como área de estudo, a economia habitava, contente, no meio dos subconjuntos da filosofia – a ética, por exemplo –, distante do conceito atual de economia enquanto ciência matemático-dotativa que encara as «ciências moles» com um desprezo nutrido pela arrogância positivista. Mas a nossa «educação» milenária assenta numa base mais funda e vasta e, normalmente, sólida. Vale a pena conhecê-la.

MITOS, HISTÓRIAS E A CIÊNCIA ORGULHOSA

Seria tolice pensar que a análise económica começou com a era científica. Muito antes, eram os mitos e as religiões que se encarregavam de explicar o mundo, colocando as mesmas perguntas que hoje fazemos; este papel foi, entretanto, assumido pela ciência. Assim, para compreendermos este elo, temos de mergulhar nos antiquíssimos mitos e filosofias. Eis a razão de ser deste livro: por um lado, buscar o pensamento económico nos mitos da Antiguidade e, por outro, procurar estes mitos na economia atual.

Considera-se que a economia moderna terá começado em 1776, com a publicação de *Riqueza das Nações*, de Adam Smith. A nossa era pós-moderna (nitidamente mais humilde do que a era científica precedente)⁴ compreende o valor de investigar o passado remoto, bem como o poder da história (dependência do caminho), da mitologia, da religião e da fábula. «A separação entre a história de uma ciência, a sua filosofia e

a ciência em si mesma desfaz-se no ar, como acontece com a separação entre ciência e não-ciência; atenuam-se aos poucos as diferenças entre o científico e o não-científico.»⁵ Iremos, portanto, vasculhar nos textos mais recônditos da nossa civilização. Procuraremos indícios emergentes do pensamento económico no épico do rei sumério Gilgamesh e exploraremos as abordagens dos autores judaicos, cristãos, clássicos e medievais sobre temas económicos. Adicionalmente, analisaremos em pormenor as teorias dos fundadores da economia contemporânea.

O estudo da história de uma determinada disciplina não consiste, como se julga, numa apresentação inútil dos seus rumos frustrados, nem numa inventariação das tentativas e erros (até que *nós* descobrimos a fórmula certa). A história representa o mais vasto âmbito de estudo de um menu criado pela própria disciplina. Nada existe fora da história. A história do pensamento ajuda-nos a sair da lavagem cerebral que cada época impõe ao intelecto, a ver para lá das preferências intelectuais em voga e a recuarmos alguns passos para melhor apreciar o conjunto.

O estudo das narrativas da Antiguidade não se destina apenas a beneficiar historiadores, nem a compreender como pensavam os nossos antepassados. Estas narrativas contêm um poder intrínseco, mesmo quando substituídas ou contrariadas por narrativas ulteriores. Pode usar-se como exemplo a disputa mais famosa da história: a que ocorreu entre a narrativa do geocentrismo e a narrativa do heliocentrismo. Como todos sabemos, na batalha entre heliocentrismo e geocentrismo, venceu o heliocentrismo, apesar de continuarmos a dizer geocentricamente que o Sol se *levanta e se põe*. Mas o Sol nem se levanta nem se põe: se algo se levanta, é a nossa Terra (em volta do Sol), não o Sol (em volta da Terra). O Sol não gira em torno da Terra; a Terra é que gira em torno do Sol – assim nos é dito.

Além disso, estas antigas narrativas e as imagens e arquétipos que examinaremos na primeira parte do livro têm-nos acompanhado ao longo dos tempos e ajudaram a moldar a nossa abordagem ao mundo, bem como a nossa percepção enquanto espécie. Ou, nas palavras de C. G. Jung, «A verdadeira história do espírito não se conserva nos livros, mas no organismo vivo, psíquico, de todos nós»⁶.

O DESEJO DE PERSUADIR

Os economistas deviam acreditar no poder das narrativas; Adam Smith acreditava. Como explica em *The Theory of Moral Sentiments*, «o desejo de ser ouvido, ou o desejo de persuadir, de liderar ou orientar os outros, parece representar um dos nossos desejos naturais mais intensos»⁷. Refira-se que esta frase foi dita pelo alegado pai da ideia de que *o interesse próprio é o nosso desejo natural mais intenso*. Dois outros grandes economistas, Robert J. Shiller e George A. Akerlof, escreveram recentemente: «A mente humana está orientada para pensar em termos narrativos [...] por sua vez, a motivação humana decorre, em grande parte, de vivermos a história das nossas vidas, uma história que contamos a nós mesmos e que cria o contexto da nossa motivação. A vida seria apenas “uma treta após outra”, se estas histórias não existissem. O mesmo se aplica à confiança da nação, da empresa ou da instituição. Os grandes líderes são os principais criadores de histórias.»⁸

A citação original provém de «A vida não é uma treta após outra. A vida é sempre a mesma treta, repetida vezes sem conta». Uma verdade, sem dúvida, e os mitos (as nossas grandes narrativas) são «revelações de hoje sobre o que sempre foi e será»⁹. Ou, por outras palavras, os mitos são aquilo que «jamais aconteceu, mas sempre foi»¹⁰. E, no entanto, as nossas teorias económicas modernas, que se baseiam numa modelização rigorosa, não são mais do que estas metanarrativas recontadas numa linguagem diferente (matemática?). Pelo que se torna necessário aprender esta história desde o início – num sentido lato, pois *jamais será um bom economista aquele que for apenas economista*¹¹.

E, uma vez que a economia pretende compreender a existência como um todo, numa postura imperialista, há que aventurarmo-nos além da nossa disciplina, para *comprendermos a existência como um todo*. E, se for parcialmente verdade que «a salvação depende de conseguirmos eliminar a escassez material e conduzir a humanidade para uma nova era de abundância económica [e que] daqui deriva logicamente que o novo sacerdócio deve ser composto por economistas»¹², devemos ter presente este papel fundamental e aceitar uma responsabilidade social mais lata.

A ECONOMIA DO BEM E DO MAL

Tudo na economia aborda, em última análise, a economia do bem e do mal. Histórias sobre pessoas, por pessoas, a pessoas. Mesmo os modelos matemáticos mais sofisticados são, a bem dizer, narrativas, parábolas, tentativas de englobar (racionalmente) o mundo que nos rodeia. Tentarei demonstrar que a história contada pelos mecanismos económicos dos nossos tempos ilustra uma «vida boa», conceito que nos chega da Grécia antiga e das tradições hebraicas. Tentarei demonstrar que a matemática, os modelos, as equações e as estatísticas são apenas as pontas do icebergue da economia; que o corpo principal deste icebergue do conhecimento económico contém tudo o resto; e que os debates económicos são realmente batalhas entre várias narrativas e metanarrativas, e não o que pensamos serem. Hoje, tal como no passado, queremos que os economistas nos ajudem a distinguir o bom do mau.

Nós, os economistas, fomos treinados para evitar juízos normativos e opiniões sobre esta diferenciação. E, contudo, ao contrário do que dizem os manuais, a economia é predominantemente uma disciplina normativa. Não só descreve o mundo como lhe diz o que devia ser (devia ser eficaz, devia haver uma concorrência perfeita, o ideal era existir um crescimento elevado do PIB com inflação baixa, qual o custo de alcançar uma forte competitividade, etc.). Com este intuito, criaram-se modelos, parábolas modernas, mas estes modelos irrealistas (intencionalmente irrealistas, na sua maioria) pouco refletem o *mundo real*. Um exemplo do nosso quotidiano: se, num programa televisivo, for colocada a um economista a pergunta aparentemente inócua de qual é o nível de inflação atual, imediatamente surge uma segunda pergunta (e, se não surge, o próprio economista é capaz de adiantar a resposta) em que se tenta conotar este nível de inflação como *bom* ou *mau*. Mesmo quando a questão é técnica, os analistas referem-se a *bom* e *mau* e apresentam juízos *normativos*: *devia* ser mais baixa (ou mais elevada).

Apesar deste facto, a economia tenta, como que em pânico, evitar termos como «bem» e «mal». Mas não consegue. Pois, «se a economia fosse uma empreitada verdadeiramente neutra em termos de valores, seria de esperar que os membros da profissão económica tivessem desenvolvido todo um corpo de pensamento económico»¹³. Como vimos, isto não

acontece. Um fator favorável, sob o meu ponto de vista – mas há que admitir que a economia é, em último caso, uma ciência essencialmente normativa. Segundo Milton Friedman, em *Essays in Positive Economics*, a economia *deve* ser uma ciência positiva neutra de valores, capaz de descrever o mundo tal como é, e não como devia ser. Mas até o comentário «a economia *deve* ser uma ciência positiva» é uma *declaração normativa*. Não descreve o mundo tal como é, mas como devia ser. Na vida real, a economia não é uma ciência positiva. Se fosse, não seria preciso *torná-la*. «Obviamente, vários homens da ciência, e vários filósofos, usam a doutrina positivista para contornar a necessidade de abordarem questões fundamentais perplexas – em suma, para evitar a metafísica.»¹⁴ Por sinal, a isenção de valor representa, em si mesma, um valor, um grande valor para os economistas. É um paradoxo que uma disciplina focada no estudo dos valores pretenda ser isenta de valores. Outro paradoxo é o seguinte: uma disciplina que acredita na *mão invisível do mercado* pretende estar isenta de mistérios.

Logo, no presente livro coloco as seguintes questões: existe uma economia do bem e do mal? Compensa praticar o bem ou este existe fora do cálculo económico? Será o egoísmo inato na humanidade? Se contribuir para o bem comum, pode ser desculpado? Se a economia não quiser tornar-se um mero modelo econométrico mecânico-atributivo, vazio de significado (ou aplicação), faz sentido colocarem-se estas perguntas.

Além disso, não faz sentido rechar os termos «bem» e «mal». O seu uso não implica uma moralização. Todos possuímos uma *ética* internalizada que rege as nossas ações. Da mesma forma, todos nós professamos uma fé (o ateísmo não deixa de ser uma fé como qualquer outra). Acontece o mesmo com a economia, tal como disse John Maynard Keynes: «Os homens práticos que se julgam livres de qualquer influência intelectual são habitualmente escravos de algum economista morto [...]. Porém, cedo ou tarde, são as ideias, e não os interesses adquiridos, que representam um perigo, seja para o bem, seja para o mal.»¹⁵

A INTENÇÃO DESTE LIVRO: METAECONOMIA

A presente obra é composta por duas partes: na primeira, procuramos identificar o pensamento económico no mito, na religião, na teologia, na filosofia e na ciência. Na segunda parte, procuramos identificar mito, religião, teologia, filosofia e ciência no pensamento económico.

Buscaremos as respostas em toda a nossa história, desde os primórdios da cultura até à atual era pós-moderna. Não pretendemos examinar todo e qualquer momento que ajudou a modificar a percepção económica do mundo nas gerações posteriores (nem na nossa), mas examinar certos pontos do desenvolvimento: quer determinadas épocas históricas (a era de Gilgamesh e as eras dos hebreus e cristãos, etc.) quer personalidades relevantes que influenciaram o desenvolvimento do contexto económico do ser humano (Descartes, Mandeville, Smith, Hume, Mill, etc.). Queremos contar a história da economia como disciplina do saber.

Por outras palavras, mapear o desenvolvimento do *etos económico*. Colocar questões que surgiram antes de qualquer pensamento económico – quer filosófica quer, até certo ponto, historicamente. Esta área situa-se nos limites da economia – e, por vezes, além destes limites. Podemos denominá-la *proto-economia* (aproveitando um termo da proto-sociologia), mas talvez seja mais adequado *metaeconomia* (aproveitando um termo da metafísica)¹⁶. Neste sentido, «o estudo da economia é demasiado restrito e fragmentário para conduzir a uma perspectiva válida, a não ser quando complementado e completado pelo estudo da metaeconomia»¹⁷. Os elementos mais importantes de uma cultura ou disciplina analítica, tal como a economia, encontram-se nos *pressupostos fundamentais* que os adeptos de todos os vários sistemas desse período adotam inconscientemente. Pressupostos aparentemente tão óbvios que os seguidores nem notam o processo de adoção, pois nunca lhes ocorreram alternativas, como refere o filósofo Alfred Whitehead no seu *Adventures of Ideas*.

O que fazemos? E porquê? Podemos (eticamente) fazer tudo o que (tecnicamente) nos é possível¹⁸? E qual é a finalidade da economia? Porque nos damos ao trabalho? Que crenças são as nossas, e de onde surgiram (inclusive as inconscientes)? Se a ciência for «um sistema de crenças com o qual estamos comprometidos», que crenças são estas¹⁹? Uma vez

que a economia se tornou, entretanto, uma disciplina fundamental que explica e altera o mundo, são perguntas que requerem respostas.

Com uma certa atitude pós-moderna, tentaremos analisar a meta-economia mediante uma abordagem filosófica, histórica, antropológica, cultural e psicológica. Este livro pretende captar o desenvolvimento da percepção da vertente econômica do ser humano e refletir sobre ela. Quase todos os principais conceitos que regem a economia, consciente e inconscientemente, têm um largo historial, e as suas raízes estendem-se além do alcance da economia, e inclusive além da própria ciência. Tentemos agora examinar os primórdios da crença econômica, a gênese de todas as suas ideias e a sua influência na economia.

PARA UMA ECONOMIA COM TODAS AS CORES

Acredito que os economistas da atualidade desconsideraram as múltiplas cores da economia e ficaram obcecados com o culto a preto e branco do *Homo economicus*, o qual ignora a temática do bem e do mal. Infligimos a nós mesmos uma cegueira; deixámos de ver as mais importantes forças motrizes dos atos humanos.

Acredito que há tanto a aprender com os nossos filósofos, mitos, religiões e poetas como há com os modelos matemáticos estritos do comportamento econômico. Acredito que a economia devia procurar, descobrir e debater os seus valores intrínsecos, não obstante temos sido educados a encará-la como uma ciência isenta de valores. Acredito que nada disto é verdade e que existem mais elementos religiosos, míticos e arquétipos na economia do que existe matemática. Acredito que a economia atual coloca demasiada ênfase no método e ignora a substância. Acredito e tenciono demonstrar que é vital para os economistas, bem como para o grande público, estudarem um leque de fontes mais amplo, tais como o Épico de Gilgamesh, o Antigo Testamento, Jesus ou Descartes. Comprendemos melhor os traços do nosso pensamento quando averiguamos a sua origem histórica, quando estes pensamentos andavam, por assim dizer, desnudos – e conseguimos ver melhor as origens e fontes das ideias. Só então seremos capazes de identificar as nossas principais crenças

(económicas) – na complicada malha que é a sociedade moderna, na qual passeiam, fortes, mas incógnitas.

Acredito que um bom economista deve ser um bom matemático ou um bom filósofo, ou ambos. Acredito que temos colocado demasiada ênfase no lado matemático e negligenciado o lado humano, conduzindo assim à evolução de modelos enviesados e artificiais, com pouco uso para o entendimento da realidade.

Acredito que é importante estudar a metaeconomia. Devemos ir além da economia, estudar as crenças «por detrás do pano», ideias que representam, habitualmente, pressupostos inauditos mas dominantes das nossas teorias. Para grande surpresa, a economia encontra-se repleta de tautologias, das quais nem os economistas estão cientes. Acredito que a perspetiva não histórica que predomina na economia está errada. Acredito que é fundamental estudarmos a evolução histórica das ideias que nos moldam se quisermos analisar o comportamento humano.

O presente livro é uma contribuição para o choque de longa data entre economia normativa e positiva. Acredito que o papel assumido pelos mitos e parábolas normativas nos tempos antigos é hoje desempenhado pelos modelos científicos. Não que represente um problema, mas há que admiti-lo sem reservas.

Acredito que as questões económicas têm acompanhado a humanidade desde épocas muito anteriores a Adam Smith. Acredito que a busca de valores na economia não começou com Adam Smith, mas culminou com ele. O pensamento vigente, que reivindica descender da economia clássica de Smith, negligenciou o aspeto ético. O tema do bem e do mal dominava os debates clássicos e, no entanto, hoje é um tema praticamente herético. Acredito ainda que a leitura popular dos textos de Adam Smith está incorreta. Acredito que a contribuição deste autor para a economia é mais lata do que o mero conceito da mão invisível do mercado e do surgimento do *Homo economicus* egoísta e egocêntrico, embora Smith não tenha usado sequer esse termo. Acredito que a sua contribuição mais influente para a economia teve lugar no plano ético. Os outros pensamentos, os temas de especialização ou inclusive a mão invisível do mercado foram expressos muito antes dele. Procuro demonstrar que o princípio da mão invisível do mercado é muito antigo, tendo sido desenvolvido séculos antes de Adam Smith. Há indícios deste conceito no Épico

de Gilgamesh, no pensamento hebraico e na Cristandade, e ele manifesta-se explicitamente nos textos de Aristófanes e de Tomás de Aquino.

Acredito que nos encontramos na época mais indicada para reformular a abordagem económica, pois hoje, em plena crise da dívida, os povos estão sensíveis ao tema e dispostos a ouvir. Acredito que não aprendemos as lições de economia ensinadas na catequese, como a história de José e do Faraó, e, no entanto, dispomos de modelos matemáticos sofisticados. Acredito que devemos reconsiderar a nossa opinião a respeito do crescimento imparável. Acredito que a economia pode ser uma ciência maravilhosa capaz de apelar a um vasto público.

De certa forma, este livro representa um estudo do *Homo economicus*, mas, mais importante, da história dos espíritos animais que lhe são intrínsecos. Tentaremos analisar a evolução do lado racional e também do lado irracional dos seres humanos.

AS FRONTEIRAS DA CURIOSIDADE E UMA DECLARAÇÃO DE RENÚNCIA

Uma vez que a economia ousou imperialisticamente aplicar o seu sistema de pensamento aos territórios tradicionais dos estudos religiosos, da sociologia e da ciência política, porque não remar contra a corrente e avaliar a economia sob a perspectiva dos estudos religiosos, da sociologia e da ciência política? Se a economia moderna ousa explicar o funcionamento das igrejas ou realiza análises económicas dos laços familiares (retirando novas e interessantes aferições), porque não examinar a economia teórica como se fosse um sistema de religiões ou de relações pessoais? Por outras palavras, porque não tentamos alcançar uma visão antropológica da economia?

Para observar a economia sob esta perspectiva, há que ganhar distância, antes de mais. Temos de nos aventurar até às suas zonas limítrofes – e, preferivelmente, ir mais além. Inspirando-nos na metáfora de Ludwig Wittgenstein, em que o olho observa o campo visual do objeto, mas nunca o próprio objeto (Wittgenstein, *Tratado Lógico-Filosófico*, secção 5.6), é sempre necessário sair da economia e, se tal não for possível, recorrer a um espelho. No presente livro, utilizaremos espelhos de

natureza antropológica, mítica, religiosa, filosófica, sociológica e psicológica – tudo que nos proporcione um reflexo.

Temos de apresentar duas desculpas, no mínimo. Em primeiro lugar, se observarmos o nosso reflexo em tudo o que nos rodeia, iremos obter uma imagem fragmentada e discrepante. Este livro não pretende apresentar um sistema de relações intrincadas (pelo mero motivo de tal sistema não existir). Além disso, apenas lidaremos com o legado da nossa cultura e civilização ocidental e não estudaremos outros legados (tais como o confuciano, o islâmico, o budista, o hinduísta e muitos outros, onde encontraríamos imensas ideias estimulantes se o fizéssemos). Também não perscrutaremos, por exemplo, a totalidade da literatura da Suméria. Iremos debater o pensamento hebraico e cristão na vertente económica, mas não estudaremos todas as teologias antigas e medievais. Temos por meta escolher as principais influências e conceitos revolucionários que formaram a abordagem desarticulada da economia atual. A justificação desta abordagem ampla e algo desconexa encontra-se na ideia há muito tempo proposta por Paul Feyerabend em que «vale tudo»²⁰. Não é possível prever de que poço a ciência beberá inspiração para o seu futuro desenvolvimento.

A desculpa seguinte refere-se à possível simplificação ou distorção das áreas que o autor considera importantes, ainda que se situem totalmente noutra plano. A ciência atual aprecia a proteção do muro de marfim construído em parte pela matemática, em parte pelo latim e pelo grego e pela história, axiomas e outros rituais sagrados, para que os cientistas possam refugiar-se imerecidamente dos críticos provenientes de outras disciplinas e do público. Mas a ciência tem de ficar exposta; caso contrário, como disse corretamente Feyerabend, torna-se uma religião elitista para os iniciados, irradiando feixes totalitários sobre o público. Nas palavras do economista americano de origem checa Jaroslav Vanek, «feliz ou infelizmente, a nossa curiosidade vai além da nossa área profissional»²¹. Se este livro inspirar novas ideias para a fusão da economia com estas áreas, terá cumprido a sua razão de ser.

Não abordamos exaustivamente a história do pensamento económico. O autor pretende, pelo contrário, complementar alguns capítulos da história do pensamento económico com uma perspetiva e análise mais vasta, identificando influências que podem escapar à atenção dos economistas e do público em geral.

Talvez valha a pena referir que este texto contém inúmeras citações. Proporcionar uma maior aproximação com as ideias valiosas de épocas distantes implica apresentar as palavras originais dos autores*. Se nos limitássemos a parafrasear textos antigos, a autenticidade e o espírito da era evaporar-se-ia – representando uma perda terrível. As notas de rodapé oferecem a possibilidade de um estudo mais profundo dos problemas apresentados.

CONTEÚDO: SETE ÉPOCAS, SETE TÓPICOS

O livro divide-se em duas partes. A primeira faz um trajeto pela história, com sete parágrafos focadas especificamente em sete tópicos, que serão posteriormente resumidos na segunda parte. A segunda parte é, portanto, temática; recolhe tópicos da história e integra-os. Desta forma, o livro assume-se como uma matriz, podendo ser seguido historicamente, tematicamente ou de ambos os modos. Os sete tópicos são:

A vez da avidez: a história do consumo e do trabalho

Começamos com os mitos mais antigos, nos quais se assume que o trabalho é a vocação primeva do ser humano, trabalho enquanto prazer, e depois (por causa da insaciabilidade), enquanto maldição. Deus ou os outros deuses amaldiçoam quem quer o trabalho em si (Génesis, mitos gregos) quem quer o excesso deste (Gilgamesh). Analisaremos o nascimento do desejo e da luxúria, ou seja, da procura. Examinaremos então o ascetismo sob vários preceitos. A seguir, predomina o desprezo de Agostinho por este mundo; Aquino vira o pêndulo, e o mundo material torna-se

* Respeitando este espírito, e também para aproximar as citações em causa do idioma de origem, recorreremos às traduções disponíveis em língua portuguesa, cujas edições nos foi possível e prático consultar, e delas retirámos os excertos correspondentes, devidamente assinalados na bibliografia, juntamente com a edição em língua inglesa. Nestes casos, a referência bibliográfica mencionará o título da edição portuguesa, e a página ou secção indicadas serão as dessa edição. Nos demais casos, conservou-se a referência do original na íntegra. [N. do T.]

alvo de atenção e apreço. Até então, predominava o cuidado da alma, e marginalizavam-se desejos e necessidades corporais e mundanos. Nova viragem do pêndulo para o lado contrário, na direção do consumo individualista-utilitário. Apesar deste facto, desde o começo que o homem se vê conotado enquanto criatura de natureza inatural, pois, por algum motivo, se faz rodear de posses externas. Quer a insaciabilidade material quer a insaciabilidade espiritual definem metacaracterísticas básicas do ser humano, manifestando-se desde os primeiros mitos e narrativas.

Progresso (naturalidade e civilização)

Atualmente, embriaga-nos a ideia do progresso, mas, no início de tudo, esta ideia nem sequer existia²². O tempo era cíclico, e a humanidade não contemplava alterações históricas. Contudo, mais tarde, os hebreus desenvolveram uma noção linear do tempo, que foi transmitida (ou amplificada) pelos cristãos e acolhida por nós. Como surgiu esta noção de progressão do progresso e do crescimento em prol do próprio crescimento?

A economia do bem e do mal

Analisaremos uma questão fundamental: compensa (economicamente) praticar o bem? Começaremos pelo Épico de Gilgamesh, em que não havia uma relação moral aparente entre o bem e o mal; posteriormente, no pensamento hebraico, a ética tornou-se fator de explicação histórica. Os antigos estoicos não permitiam que se calculasse o proveito retirado da prática do bem, mas, por outro lado, os hedonistas consideravam que todos os atos sujeitos a recompensa seriam, à partida, bons. O pensamento cristão quebrou uma causalidade explícita entre bem e mal ao introduzir a misericórdia divina e fez transitar a recompensa da prática do bem, ou do mal, para uma vida após a morte. Este tema culmina com Mandeville e Adam Smith, na famosa disputa sobre vícios privados que originam proveitos públicos. Posteriormente, John Stuart Mill e Jeremy Bentham edificaram o utilitarismo a partir do mesmo princípio hedonista.

A história da ética foi sendo governada pela tentativa de criar uma fórmula para as regras éticas do comportamento. No último capítulo, apresentaremos a tautologia da MaxUtilidade e abordaremos o conceito do MaxBem.

A história da mão invisível do mercado e o Homo economicus

Quão antiga é a ideia da mão invisível do mercado? Há quanto tempo existia o conceito, antes de Adam Smith? Tentarei demonstrar que o prenúncio da mão invisível do mercado é praticamente ubíquo. A ideia de que podemos gerir a utilização do nosso egoísmo natural, e de que este mal se transforma em bem por via indireta, é um conceito filosófico e mítico bastante antigo. Também veremos o desenvolvimento do etos do *Homo economicus*, o nascimento do «homem económico».

A história dos espíritos animais: o sonho nunca morre

Aqui, examinaremos o outro lado dos seres humanos – o imprevisível, normalmente *arracional* e arquétipo. Os nossos espíritos animais (uma espécie de contraparte da racionalidade) são influenciados pelo arquétipo do herói e pelo nosso conceito da representação do bem.

Metamatemática

Quem terá dado à economia a ideia de que os números explicam o mundo? Aqui, pretendemos apresentar o processo e o motivo pelo qual se transformou a economia numa disciplina de atribuição mecanista. Porque acreditamos que na matemática existe a melhor forma de descrever o mundo (e, inclusive, o mundo de interações sociais)? A matemática representa realmente o coração da economia ou apenas uma ponta do icebergue analítico desta disciplina do saber?